

# PERCEPÇÕES DA DISCIPLINA SOCIOLOGIA ENTRE ALUNOS DO 3º ANO DO ENSINO MÉDIO

## PERCEPTIONS OF THE DISCIPLINE SOCIOLOGY AMONG STUDENTS OF THE 3RD YEAR OF HIGH SCHOOL

Luciano de Melo Sousa<sup>1</sup>Edvaldo Gonçalves do Nascimento<sup>2</sup>

### RESUMO:

Este artigo faz uma análise discursiva da percepção da disciplina Sociologia entre alunos do 3º ano do Ensino Médio de uma escola pública do Piauí. Partiu-se do pressuposto teórico de que a Sociologia deve problematizar a vida do aluno, sua existência no mundo real, com suas implicações nos diversos campos da vida. Fruto de pesquisa de conclusão de curso, seu problema foi: qual a percepção que os estudantes do 3º ano do Ensino Médio da Unidade Escolar Barão de Gurgueia têm sobre a disciplina Sociologia? Para analisar aspectos envolvidos nesta problemática, a metodologia utilizada constou de uma abordagem que envolveu a pesquisa qualitativa, com entrevistas feitas entre os estudantes, e como método de interpretação a análise de conteúdo. Os resultados achados no campo de pesquisa revelaram que alguns alunos têm uma certa compreensão sobre o que seja o objeto da Sociologia na escola enquanto outros não o compreendem. Do mesmo modo, uma parte deles acredita

que a disciplina dialoga com a vida cotidiana dos mesmos, mas, diferentemente, outra parte não identifica essa interação entre a Sociologia e suas experiências sociais. Desse modo, a contextualização curricular ainda se configura como um desafio fundamental no ensino da Sociologia.

**Palavras chave:** Ensino de Sociologia. Ensino Médio. Representações sociais.

### ABSTRACT:

This article makes a discursive analysis of the perception of the discipline Sociology among students of the 3rd year of high school in a public school in Piaui. It was based on the theoretical assumption that Sociology should problematize the student's life, its existence in the real world, with its implications in the various fields of life. As a result of the research from course conclusion, his problem was: what is the perception that the

<sup>1</sup> Possui mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (1999) e doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2012). Atualmente é professor adjunto da Universidade Estadual do Piauí.

<sup>2</sup> Licenciado em Ciências Sociais (UESPI), técnico administrativo da Secretaria de Educação do Piauí e professor.

students of the 3rd year of the High School Baron de Gurgueia have about the discipline Sociology? To analyze aspects involved in this problem, the methodology used consisted of an approach that involved the qualitative research, with interviews made among the students, and as a method of interpretation the content analysis. The results found in the field of research revealed that some students have a certain understanding about what the object of Sociology is in school while others do not understand it. In the same way, some of them believe that the discipline dialogues with their daily lives, but, differently, another part does not identify this interaction between Sociology and its social experiences. Thus, curricular contextualization is still a fundamental challenge in the teaching of Sociology.

**Keywords:** Sociology Teaching. High school. Social representations.

## INTRODUÇÃO

Este artigo é resultado da pesquisa realizada entre estudantes do 3º ano do Ensino Médio, da Unidade Escolar Barão de Gurgueia, em Teresina-PI, realizada no ano de 2016, que versou sobre as percepções da disciplina Sociologia<sup>3</sup> entre alunos da referida instituição de Ensino. A inquietude que inspirou todo o processo de investigação surgiu com as experiências durante o estágio e as vivências na referida escola que suscitaram

dúvidas sobre que compreensões os estudantes do 3º ano constroem sobre o significado da disciplina Sociologia.

Por esse motivo, essa pesquisa questiona sobre algumas das razões do desinteresse pela disciplina por parte dos estudantes (quem sabe também pelos próprios professores). Mas, por outro lado, também se interroga sobre as visões positivas que a Sociologia possui entre alguns educandos. Neste artesanato sociológico (MARTINS, 2014), esses percursos da disciplina oportunizam pontuar provocações acerca das configurações possíveis para a Sociologia escolar.

Essa pesquisa partiu do pressuposto defendido pelo pesquisador Flávio Sarandy (2004), o qual esclarece que o contato dos alunos com as teorias sociológicas produz neles uma percepção e uma compreensão que poucas disciplinas podem desenvolver. A Sociologia, com suas teorias e métodos, é capaz de desnaturalizar a realidade social vivida pelo educando, despertar sua sensibilidade social, além de desenvolver no estudante um senso crítico que o torne um cidadão mais atuante.

Outro pressuposto que orientou todo o processo de investigação é uma elaboração de Marcos Lacerda (2013), que defende que os estudantes devem perceber que vivem em sociedade e, para tanto, a Sociologia pode estimular e desenvolver sua “sensibilidade social”. E que, de certo modo, seu objeto de estudo refere-se a eles como sujeitos sociais. Assim, a Sociologia pode ser e é útil para suas vidas cotidianas: não como coisas a serem avaliadas e mensuradas, mas como experiências teóricas e práticas que se relacionam com suas realidades.

<sup>3</sup> Optou-se por trabalhar com a identificação hodierna da disciplina no sistema educacional brasileiro, apesar de compreender que a mesma abarca também conteúdos de Antropologia e Política.

## ESCLARECIMENTOS METODOLÓGICOS

Seu foco de estudo orientou-se por um problema simples: quais as percepções que os estudantes do 3º ano do Ensino Médio da Unidade Escolar Barão de Gurgueia têm sobre a disciplina Sociologia? Que significados constroem sobre essa disciplina a partir das vivências sociais experimentadas numa certa escola? Como, a partir das potencialidades heurísticas próprias das Ciências Sociais, a disciplina Sociologia se constrói nas visões dos estudantes? Para apreender e compreender esses sentidos construídos por um grupo de estudantes, optou-se por realizar uma pesquisa qualitativa de cunho bibliográfico e de campo com utilização de análise de conteúdo (MINAYO, 2009).

Optou-se por dialogar com os colaboradores da pesquisa por meio de uma entrevista. Esta possibilitou uma mediação concreta com os estudantes com o fim de compreender suas opiniões sobre a disciplina Sociologia. As experiências durante o estágio favoreceram a aproximação e a construção de um clima de confiança para um diálogo espontâneo e franco.

As entrevistas foram feitas em dois momentos. Num primeiro, para uma inicial aproximação empírica da problemática. Participaram dessa entrevista 32 alunos, com idade entre 16 e 19 anos de ambos os sexos. Como parte da técnica de análise de conteúdo, as respostas foram transcritas e lidas cuidadosamente. A partir dessa leitura foram selecionadas as unidades discursivas e construídos os temas recorrentes a partir das mesmas. Vale ressaltar que as unidades discursivas foram definidas de modo a terem um significado completo, sendo descartadas

as que não preenchiam tal pressuposto (CAMPOS, 2004).

É importante ressaltar que, no decorrer da análise dos discursos dos estudantes surgiram algumas dúvidas que, para repensá-las, voltou-se novamente à escola e foi feita uma nova entrevista. Isso se deve ao fato de que a análise das entrevistas se processou de forma cíclica e circular e não de forma sequencial e linear, pois durante todo processo de construção desse trabalho as entrevistas foram lidas várias vezes. Os discursos não falam por si: é preciso continuados exames interpretativos para superar os significados explícitos e caminhar na compreensão dos sentidos implícitos (MINAYO, 2009).

As entrevistas foram analisadas e interpretadas segundo a técnica de análise de conteúdo conforme supracitado. Em seguida, confrontadas com a literatura específica existente para uma análise pormenorizada dos resultados encontrados. Esse processo de análise das entrevistas exigiu várias leituras e interpretações. A cada momento de avaliação das entrevistas, outras interpretações eram elaboradas. Unidades discursivas que, num exercício interpretativo anterior não foram apropriadas no inventário compreensivo, passaram a fazer parte do campo de reflexões o que proporcionou novos vieses interpretativos.

Apesar do retorno continuado às unidades discursivas, conclui-se que o refinamento progressivo das categorias, na urdidura de significados cada vez mais sistematizados e abertos a novas interpretações, constitui um processo nunca inteiramente concluído. A cada ciclo de análise elaboram-se novas camadas de compreensão.

## **A SOCIOLOGIA NO ENSINO MÉDIO: UMA ANÁLISE DOS DOCUMENTOS OFICIAIS**

A história do Ensino da Sociologia no Brasil é bastante controversa. A Sociologia foi adicionada ao currículo obrigatório do Ensino Médio em 1925, porém, em 1942 foi removida, chegando a ser proibida em qualquer nível de ensino na década de 60. Em junho de 2008, após muitos anos de exclusão curricular, a Sociologia, junto com a Filosofia, voltou a ser obrigatória no Ensino Médio de todo o Brasil através do Decreto Lei nº 11.684 (CAMARGO, 2016, p. 16). Porém, o decreto não estipula o número de horas/aula, deixando esse quesito a critério de cada Estado.

Anteriormente, em 1996, foi promulgada a lei nº 9.394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB) que tem como objeto a regulação do ensino brasileiro. Em seu artigo 36, § 1º, inciso III, determina que ao fim do Ensino Médio, o educando deve apresentar domínio de conhecimentos de Filosofia e Sociologia necessários ao exercício da cidadania. Essa determinação não deixa claro de que forma esses conhecimentos devem ser transmitidos: ou pela inserção de uma disciplina própria, ou de modo interdisciplinar pela mediação com outras áreas de saber. Isto é, essa lei não tratou da inserção da disciplina Sociologia, mas sim de área do conhecimento que poderia vir diluída em outras disciplinas. Além disso, em nenhum momento a lei trata da obrigatoriedade da Sociologia como disciplina, mas sim como conhecimentos sociológicos.

A LDB deixa muitas lacunas com relação ao ensino de Sociologia. Por essa razão, temos as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio - DCNEM, que são normas

obrigatórias para a Educação Básica e orientam o planejamento curricular das escolas e dos sistemas de ensino. Esse documento busca consolidar a chamada interdisciplinaridade do ensino organizando as disciplinas por áreas do conhecimento levando em consideração o seu objeto, embora essa interdisciplinaridade tenha se tornado mais uma orientação nunca consumada no ensino público brasileiro.

Por outro lado, temos os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio - PCNEM que propõem o seguinte: o estudo das Ciências Sociais no Ensino Médio tem como objetivo mais geral introduzir o aluno nas principais questões conceituais e metodológicas das disciplinas Sociologia, Antropologia e Política. Esse documento aponta metas de qualidade que ajudam o aluno a enfrentar o mundo atual. Entretanto, esses mesmos PCNEM tem um propósito curricular centrado em competências, que para Marcelo Galdino (2015), compreende selecionar saberes úteis a uma realidade cotidiana concreta do que problematizar essa realidade. Com a finalidade de ampliar a compreensão a respeito das orientações governamentais sobre o Ensino Médio brasileiro, em 2002, foram lançados os PCN+, um documento sugestivo, voltado aos profissionais da Educação e que apresenta ideias coerentes com seu antecessor, isto é, os PCN+ são uma continuidade dos PCN.

Por fim, temos as Orientações Curriculares Nacionais do Ensino Médio (Sociologia) - OCNEM (2006). Conforme GALDINO (2015), é possível afirmar que as OCNEM constituem um documento de transição entre os PCN, que tratam a Sociologia como um saber escolar sem definição clara de uma apresentação disciplinar, e, a obrigatoriedade do seu ensino na qualidade de disciplina definida em 2008.

Para Fabiana Lima e Felipe Silva (2012), as OCNEM apresentam um perfil mais disciplinar e menos interdisciplinar sobre os PCN e PCN+ ao tratar sobre o ensino de Sociologia. Os autores explicam, ainda, que essa diferença ocorre talvez pelo fato das OCNEM terem em sua formulação a presença de sociólogos, diferentemente dos PCN.

No entanto, mesmo com todos esses dispositivos legais que versam sobre o ensino da Sociologia no Ensino Médio, nenhum deles mencionam a carga horária para a disciplina e, apesar do avanço em tornar obrigatória a disciplina nas três séries do Ensino Médio das escolas públicas brasileiras, continua o desafio de regulamentar uma carga horária mínima para a mesma. E com a recente lei 13.415/17, conhecida vulgarmente como “reforma do Ensino Médio”, essa indeterminação tornou-se mais forte.

## PERFIL DOS PROFESSORES DE SOCIOLOGIA NA 4ª GRE, DA REDE ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DO PIAUÍ

Conforme Maria das Dôres de Sousa, o ensino de Sociologia não envolve apenas a manipulação e o domínio da discussão sociológica contemporânea ou clássica, mas também, o cuidado e o respeito pelos conhecimentos e pela vivência dos alunos (SOUSA, 2012). Ainda conforme a autora, mais do que ser capaz de estabelecer com os jovens os debates mais atuais e sofisticados em Sociologia, o professor deve exercitar junto aos jovens uma certa sensibilidade sociológica para a sua realização mais próxima e para questões mais amplas da atualidade. Para tanto, precisa haver uma formação que habilite os

professores de Sociologia para tal exercício. Durante a investigação, reconheceu-se ser importante compreender quem é esse docente de Sociologia. Nesse sentido, construiu-se um perfil geral sobre os professores que ministram aulas de Sociologia na 4ª GRE (Gerência Regional de Educação), da qual faz parte a escola onde se desenvolveu esta pesquisa.

Conforme dados da Secretaria de Estado da Educação do Piauí – SEDUC (2016), o estado do Piauí conta com 769 escolas estaduais de Ensino Médio divididas, para melhor acompanhamento e gestão, em 21 regionais de educação. Desse total de escolas, 116 estão na capital, Teresina, que conta com um total de quatro regionais de educação: a 4ª, 19ª, 20ª e 21ª. Para este perfil, foram analisados os dados dos professores pertencentes à 4ª Gerência Regional de Educação que conta com 36 escolas de Ensino Médio.

Essa GRE possui 47 professores ministrando a disciplina Sociologia. Entre eles, a maioria possui formação em outra área, como Filosofia (19), Pedagogia (10), Magistério<sup>4</sup> (01), História (01), Biologia (02), Ensino Religioso (01) e Normal Superior (01): o que totaliza 35 profissionais. Com formação em Ciências Sociais ou Sociologia são apenas 12, sendo destes, 07 professores substitutos, o que resulta em 05 professores efetivos com formação específica em Licenciatura Plena em Ciências Sociais ou Sociologia.

Esse quadro reflete a política educacional do Estado que não vem promovendo, com frequência, concurso para professor de Sociologia e também vem fechando escolas de nível fundamental e/ou médio. O fechamento de escolas criou um problema para as Regionais de Educação, no sentido de realocar

<sup>4</sup> Magistério é o antigo curso normal de formação de professores de nível médio.

os profissionais de disciplinas específicas. Assim, professores formados em Pedagogia e Normal Superior, por exemplo, ficaram sem turmas em algumas escolas e por orientação da administração estadual, assumiram as turmas de Sociologia.

Outro fato que colabora para essa polivalência do professor é que com a promulgação da Lei de Diretrizes e Base da Educação – LDB (lei nº 9, 394/96), os Estados ficaram incumbidos de assegurar o Ensino Fundamental e oferecer, com prioridade, o Ensino Médio a todos que o demandarem (art.10 da LDB). Com isso, a Secretaria Estadual da Educação vem gradativamente, desde 1996, transferindo a responsabilidade do Ensino Fundamental para as Secretarias Municipais de Educação o que causa um reaproveitamento de professores de área específica, como Pedagogia, em disciplinas como Sociologia, Ensino Religioso e Filosofia.

E ainda, conforme dados obtidos junto à Secretaria de Educação, na 4ª GRE, existem professores que completam sua carga horária semanal em outras escolas. Como é o caso do professor P. C., licenciado em Sociologia, que, para completar sua carga horária de 40 horas semanais, está lotado em seis escolas diferentes, entre outros que possuem mais de uma lotação. O que chama a atenção, além da carga horária, é a quantidade de turmas que um mesmo professor, especialmente, o de Sociologia, precisa para completar a carga horária exigida: em média 14 turmas para o professor com 20 horas, e, 28 turmas para o professor com 40 horas.

Tudo isso só vem contribuir de forma negativa para o desempenho do professor de Sociologia. Com uma carga horária insuficiente e uma concorrência com professores de outras disciplinas, tem vivido uma realidade nada satisfatória, visto que para completar

sua carga horária semanal, o professor é obrigado a ministrar aulas de outras disciplinas, como Artes e Ensino Religioso, ou, ministrar aulas em várias escolas. Ainda há a grande quantidade de turmas necessárias para atingir a carga horária o que implica num grande número de provas e atividades que esse professor tem que se dedicar: esse profissional possui entre 350 e 560 alunos (professor com 20 horas) e entre 700 e 960 estudantes (professor com 40 horas)<sup>5</sup>.

Por isso, para fazer com que a disciplina de Sociologia contribua para a formação da pessoa humana por meio da negação do individualismo (SARANDY, 2004), é necessário que o Estado forneça mais condições para o ensino dessa matéria, desde a realização de concurso público com vagas suficientes para preencher a demanda até o acesso a materiais didáticos, organização de bibliotecas, laboratórios de informática etc. Assim, pelo menos em consideração com as condições estruturais do sistema de ensino, os professores possam mobilizar os alunos e tornar a Sociologia compreensível e desejável, pois muitas vezes essa disciplina parece aos estudantes uma disciplina incompreensível e dispensável (MOTTA, 2011).

<sup>5</sup> A quantidade total de alunos que cabe ao professor de Sociologia foi obtida baseado na Resolução do Conselho Estadual de Educação 035/2016, que, entre outras determinações, estabelece que o número de alunos por turma não pode ser inferior a 25 alunos nem superior a 40 alunos.

## OS DESAFIOS PARA A SOCIOLOGIA: CONTEXTUALIZAÇÃO, APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA E FORMAÇÃO CIDADÃ

Nas entrevistas, identificou-se uma certa compreensão sobre o que seja o objeto da Sociologia na escola. Uma parte dos alunos compreende que a disciplina dialoga com a vida cotidiana dos mesmos, mas, diferentemente, outra parte não identifica essa interação entre a Sociologia e suas experiências sociais. De modo semelhante, o professor da Universidade Federal de Alagoas, Helson Flávio da Silva Sobrinho, realizou pesquisa entre estudantes da capital alagoana sobre a importância, ou não, da disciplina. O pesquisador verificou também “sentidos de importância e/ou insignificância atribuídos à presença da disciplina na grade curricular” (2007, p. 38).

Neste tópico, são tratadas essas visões antagônicas à luz do pressuposto defendido por vários estudiosos acerca da necessidade da contextualização dos conteúdos sociológicos na educação básica (MEC, 2000; VARGAS, 2010; RICARDO, 2003; COLL, 1994; SARANDY, 2004; MOREIRA, 2008 GUIMARÃES NETO, 2012).

A partir de citações de realidades sociais concretas, uma parte dos estudantes identifica um objeto particular para a Sociologia – a realidade cotidiana:

Muitos temas: a violência contra a mulher, a corrupção, a Idade Média;

Aborda os temas sobre violência, o que acontece no nosso dia a dia<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Optou-se por não identificar os estudantes. Os trechos transcritos, separados por ponto e vírgula e em linhas distintas, referem-se a pontos de vista de estudantes diferentes.

Observou-se que determinados estudantes percebem uma certa relação entre algumas experiências de seus cotidianos e a disciplina Sociologia, uma vez que temas como violência contra a mulher, corrupção, entre outros, fazem parte de seu dia a dia, seja em casa ou no convívio social. Na visão desses estudantes, o objeto da Sociologia na escola é a realidade cotidiana vivida ou presenciada por cada um deles. Esse objeto vem da relação entre fatos ou experiências vividas com os conteúdos estudados na disciplina Sociologia.

Um outro ponto que se destaca nos discursos acima é a ideia da contextualização dos conteúdos, pois, de alguma forma, os estudantes recordam-se daqueles conteúdos que, de algum modo, fazem parte de seu contexto social.

Outros estudantes, no entanto, identificam dificuldades para esse ensino contextualizado. Estes não conseguem identificar na aula ministrada pelo professor de Sociologia um diálogo entre essa disciplina e a realidade cotidiana:

Os professores de sociologia deveriam enfatizar mais na realidade que a gente vive hoje;

A sociologia nunca problematizou a minha vida não, o professor nunca explicou nada relacionado a minha vida.

Esta ambiguidade sobre como os estudantes percebem a organização dos conteúdos de Sociologia é recorrente: uns percebem de uma forma, outros, de modo distinto. Importante reconhecer que diferentes alunos também têm distintas apreciações sobre a mesma disciplina. Não há uniformidade entre os estudantes, tampouco na forma como eles percebem a disciplina Sociologia e seu professor regente.

Norbert Elias (1999) ressalta que a Sociologia auxilia a alargar a compreensão dos processos humanos e sociais. Neste sentido, no Ensino Médio, a tarefa da Sociologia é propiciar aos alunos a oportunidade de observar relações sociais nos fatos que antes poderiam passar despercebidos. No entanto, na escola pesquisada, não se verifica esse exercício na sua plenitude.

De outro modo, as OCNEMs (MEC, 2006, p. 116) propõem um ensino de Sociologia baseado em um tripé: conceitos, temas e teorias que deverão ser tomados como mutuamente referentes pelos professores de Sociologia. Essa proposição é reiterada nas propostas construídas para o Ensino de Sociologia no nível médio, encontráveis nos parâmetros curriculares oficiais e nos livros didáticos. Esse tripé metodológico se refere às três dimensões necessárias a que deve atender o ensino de Sociologia: uma explicativa ou compreensiva – teorias; uma linguística ou discursiva – conceitos; e uma empírica ou concreta – temas (MEC, 2006).

De acordo com as OCNEMs (MEC, 2006, p. 117), teoria e conceito são elementos do discurso científico que conseguem sintetizar as ações sociais para poder explicá-las como uma totalidade. A partir deste ponto é preciso contextualizar as explicações abstratas para que seu sentido próprio possa ser entendido pelos alunos: não como uma palavra mágica que explica tudo, mas como um elemento do conhecimento racional que permite melhor compreender a realidade social. Este é um desafio para o Ensino da Sociologia: propiciar entre os estudantes a reflexão sobre as realidades à luz do pensamento abstrato. Ao optar por esse recorte – conceitual-teórico – o professor não deve conduzir o trabalho em sala de aula como se fosse a produção de

um glossário técnico, em que os alunos são transformados em dicionários de Sociologia ambulantes. Diferentemente, ao optar trabalhar com conceitos e teorias, o professor deve fazer de forma contextualizada para que sejam ampliados os horizontes de leitura sobre as realidades. Com isso, desenvolver no estudante uma capacidade de abstração necessária para o desenvolvimento de sua análise da sociedade e para elevar o conhecimento para além do senso comum ou das aparências.

Sofri bullying, ela [Sociologia] me acolheu muito nessa situação;

É uma forma de compreender o mundo no qual várias pessoas não veem situações diferentes.

Essas falas demonstram que estudantes compreendem que a Sociologia pode ajudá-los a pensar melhor sua realidade. Reforça-se a ideia de desnaturalização, pois, por meio de seus conceitos e teorias, a Sociologia desconstrói a ideia de naturalidade dos fatos sociais. Por essa razão, Francisco Vargas defende que a apresentação dos conhecimentos e a leitura analítica dos alunos devem levar em consideração seu contexto de produção e os próprios sujeitos do processo de aprendizagem. Caso não ocorra, pode provocar tanto um conjunto de práticas pedagógicas formalistas, destinadas a simples transferências de informações, como também pode levar a uma profunda resistência e aversão dos estudantes em face da diversidade, complexidade e dificuldade de sua apreensão (2010, p. 7).

Por isso, é importante o educando reconhecer as possibilidades de associação do conteúdo com contextos reais para que haja significado imediato daquilo que ele vê em sala de aula: “Sofri bullying, ela [Sociologia]

me acolheu muito nessa situação”. Uma vez que, os alunos, através de suas vivências no cotidiano, já se apropriam e reproduzem conhecimentos de mundo. Cabe ao professor trabalhar com essa prática buscando ampliar e discutir essa especificidade, fazendo com que os alunos pensem melhor, de modo a associar a observação do cotidiano com uma prática reflexiva e crítica dessa realidade vivida por cada um.

Nesse sentido, existem alunos que, mesmo não gostando da disciplina Sociologia, conseguem associá-la ao seu cotidiano:

As violências que acontece no cotidiano sobre a mulher, sobre a homossexualidade sobre comportamento, que a gente deve se interagir. Não sou muito fã de Sociologia;

Na questão de quando trata da violência contra a mulher, ela que proporcionou abrir horizontes;

A Sociologia está em todo canto. Eu não gosto de Sociologia.

Percebe-se nas falas acima que alguns estudantes, mesmo não se identificando com a disciplina, compreendem como se estrutura o pensamento sociológico. Eles já identificam que as violências sofridas por mulheres e homoafetivos não são naturais, não podem mais ser tratadas como comportamentos normais ou justificáveis. Elas são expressões de intolerância e desrespeito frente a segmentos sociais particulares. Logo, são expressões de violência social.

Dada a importância desse aspecto do ensino da Sociologia, voltou-se a campo com novos questionamentos. O primeiro foi o seguinte: “o professor da disciplina Sociologia, ao abordar o assunto, faz de forma contextualizada, ou seja, relaciona esse

assunto ao cotidiano do aluno”? Responderam a essa pergunta 31 alunos: 22 (71%) estudantes responderam que sim (o professor contextualiza o conteúdo de Sociologia). Os outros 9 (29%) responderam que não. Com isso, podemos entender que uma parte significativa dos professores dessa escola procura trabalhar de forma contextualizada os conteúdos que são ministrados na disciplina Sociologia.

Sim. Ele aborda assuntos nos quais vivenciamos;

Sim. Ele compara os assuntos da sala de aula com os casos ocorridos no cotidiano de cada aluno;

Sim. Ele traz assuntos que estão em evidência e tenta estimular o pensamento crítico do aluno.

Através da contextualização, o aluno faz uma ponte entre teoria e prática o que torna o ensino-aprendizado muito mais significativo (MEC/PCNs, 1999). Aprender significativamente é atribuir um significado ao conteúdo que é apresentado, isto é, construir relações substantivas entre o que se aprende e o que se conhece, articular o conteúdo com os esquemas da realidade em que se vive (COLL, 1994, p. 156): “ele traz assuntos que estão em evidência e tenta estimular o pensamento crítico do aluno”.

Para atribuir sentidos aos aprendizados, é necessário retirar o educando da condição de sujeito passivo e colocá-lo na condição de protagonista do seu próprio aprendizado. É necessário, por parte do professor de Sociologia, o incentivo à participação do aluno em sala de aula. Para tanto, é preciso criatividade na adoção de recursos didáticos e avaliativos que despertem interesse, motivação e autonomia dos alunos para aprender.

Nesse sentido, foi perguntado aos estudantes se o professor da disciplina de Sociologia estimula a participação do aluno em sala de aula. Do total de entrevistados, 16 (52%) responderam

que não (o professor da disciplina Sociologia não estimula a participação do aluno em sala de aula), 13 (42%) estudantes responderam afirmativamente, e, 2 (6%) responderam que, às vezes, são estimulados a participar da aula e, outras vezes, não são.

Esses dados são preocupantes pois sinalizam para uma indefinição quanto ao desenvolvimento de uma competência argumentativa<sup>7</sup> (COLL, 1994) por parte desses jovens, seja de forma oral ou escrita. Para Flavio Sarandy, concordar ou discordar das visões apresentadas nas aulas de sociologia não implicam numa mudança qualitativa de pensamento e linguagem, tanto quanto aprender conceitos não promove, por si mesmo, o desenvolvimento de competências. É preciso que o professor de Sociologia não se contente com certas manifestações em sala de aula e busque desenvolver uma nova atitude ou postura cognitiva nos alunos (SARANDY, 2004).

O modelo de aprendizagem que embasa as necessidades de nosso tempo não é mais o modelo tradicional que acredita que o aluno deve receber informação prontas e ter, como única tarefa, repeti-las na íntegra (MOREIRA, 2008). A promoção da aprendizagem significativa busca considerar o aluno como sujeito de conhecimentos. Para Marco Antônio Moreira, a verdadeira aprendizagem se dá quando o aluno reconstrói o conhecimento e forma conceitos sólidos sobre o mundo, o que vai possibilitá-lo agir e reagir diante da realidade. Por isso que não há mais espaço para a repetição automática, para a falta de contextualização e para a aprendizagem que não seja significativa (MOREIRA, 2008, p. 57).

<sup>7</sup> Capacidade de desenvolver no aluno uma visão crítica do tema, ou seja, vê o assunto como algo polêmico, que gera diferentes versões sobre a verdade dos fatos ( COLL, 1994, p. 55).

Por isso, para que os estudantes possam desenvolver trajetórias de uma cidadania consciente por meio da Sociologia, o professor precisa possibilitar que eles desvelem as diferenças que formatam a sociedade desigual de hoje, insiram-se e atuem de forma crítica e responsável na esfera política e possam compreender os processos que constituem seu viver cotidiano, enfim, sua realidade (GUIMARÃES NETO, 2012, p. 139).

Ao analisar falas de outros estudantes, verifica-se que, da forma como é ministrada, a Sociologia não consegue oferecer aos alunos ferramentas conceituais e teóricas satisfatórias para olhar seu cotidiano com estranheza e de forma desnaturalizada<sup>8</sup> e que rompa com a barreira do senso comum. Segundo alguns estudantes, ainda falta ao professor tornar a disciplina mais reflexiva para que possa despertar o interesse dos jovens pelos assuntos abordados nas aulas.

Ele fala sobre o clero e não tem nada a ver com nossa realidade;

Sociologia deveria informar mais a gente na área da política. Os professores de Sociologia deveriam enfatizar mais na realidade que a gente vive hoje.

Os conceitos não podem ser tratados como abstrações absolutas autoexplicativas: precisam contribuir com exercícios de análise da realidade. Conforme Vargas (2010), o ensino de Sociologia não pode ser marcado

<sup>8</sup> “Chamamos de desnaturalização a prática de olhar os fenômenos sociais justamente como sendo ‘sociais’, ou seja, fruto de relações sociais que se desenvolvem ao longo da história. Em outros termos, destacar que esses fenômenos não são naturais (fruto das determinações da natureza), mas resultado de interesses, conflitos e cooperações sociais e, portanto, possíveis de serem modificados” (BODART, 2017, p. 4).

por uma fragmentação disciplinar, isto é, seus conceitos, temas e teorias devem ter ligação entre si e também com o cotidiano do educando de forma a potencializar a construção de outros significados sobre a realidade.

Para o autor, a fragmentação disciplinar acarreta um isolamento e a consequente ausência ou dificuldade de uma interdisciplinaridade, dando ênfase a um individualismo disciplinar e dificultando a integração de conhecimentos entre as diferentes áreas, o que torna difícil a compreensão da realidade em que vive o educando:

Ele trouxe argumentos como surgiu o comércio, a divisão das classes, a pirâmide etária das classes sociais, as divisões do trabalho;

Ele se foca mais no que está em alta na sociedade, tipo, a política, a desigualdade social, o racismo.

Para alguns estudantes, percebe-se que o foco do professor está na exposição dos conceitos. No mesmo sentido, quando o estudante reconhece que o professor “se foca mais no que está em alta na sociedade”, parece que as questões sociais mais discutidas pela imprensa ou pela sociedade é que definem o planejamento de seus conteúdos. Negligencia-se em ambas as situações os interesses e questionamentos dos estudantes. Deste modo, negligencia-se um dos fundamentais objetivos da disciplina que é contribuir com o senso crítico do educando. Esse desenvolvimento da criticidade passa, necessariamente, por uma aula não só contextualizada, mas também, com conceitos e teorias que possuam articulação entre si, ou seja, que sirvam para a interpretação dos fatos narrados e que estimulem os estudantes a exercitarem a arte de interpretar as realidades.

Para Vargas (2010), é fundamental, ao abordar um assunto, o professor de Sociologia fazer de forma que estimule uma análise sociológica dos fenômenos sociais. Deve orientar os alunos na compreensão de que os conteúdos discutidos em sala de aula são fatos histórico-sociais que podem ser associados e comparados ao cotidiano do educando. No entanto, uma parte dos estudantes não identifica esse percurso cognitivo em sala de aula:

Não me ajudou em nada, ele não discute nada com a gente;

Eu não percebo ela [Sociologia] na minha vida. Eu não gosto dessa matéria.

Por essas falas, que representam o pensamento de uma parcela dos estudantes, percebe-se que o foco do professor está simplesmente na apresentação de conteúdos sem discuti-los, sem incentivar a participação dos mesmos. Desse modo, um deles afirma: “eu não percebo ela na minha vida”. Ainda se verifica uma prática pedagógica formalista preocupada em transmitir conhecimentos e que acarreta um distanciamento, um desaprovecho por parte do aluno para com a disciplina.

Para tentar superar essa metodologia formalista, Francisco Vargas (2010) defende uma prática pedagógica para o ensino de Sociologia no Ensino Médio do tipo participativa<sup>9</sup>, alicerçada em temas e problemas concretos do cotidiano dos alunos, conforme identificadas nas falas seguintes:

Situações como jovem hoje em dia da minha idade tendo filho;

<sup>9</sup> Vale salientar que Vargas (2010) discute dois tipos de práticas no ensino da Sociologia: Uma prática pedagógica do tipo participativa e outra do tipo tradicional.

Nas minhas relações com as amigas, profissionais que trabalham junto comigo [ela é estudante e menor aprendiz].

Para o desenvolvimento dessa metodologia é necessário profissional com uma formação específica, capaz de sugerir materiais, referências e interpretações fundamentadas no arsenal teórico-metodológico das Ciências Sociais com o fim de superar uma interpretação puramente subjetiva e vaga dos fenômenos discutidos (VARGAS, 2010, p. 9). Salienta-se que, com essa prática<sup>10</sup>, o professor de Sociologia tem o desafio de construir junto com os alunos uma interpretação que não seja apenas opinião, mas um ponto de vista fundamentado, ancorado em ferramentas teórico-metodológicas das Ciências Sociais.

Quando se toma como referência as OCNEM (2006), percebe-se de forma explícita uma orientação para uma prática pedagógica do tipo participativa alicerçada em temas e problemas concretos do cotidiano dos alunos. Embora, o que predomina em algumas escolas é uma prática do tipo tradicional de caráter acadêmico que se baseia na sistematização teórica e histórica (VARGAS, 2010). Pelo contrário, o papel da Sociologia é despertar no estudante um estranhamento frente às relações sociais de modo a desenvolver nos educandos uma nova postura cognitiva (SARANDY, 2002) que mostre através de seus

conteúdos e/ou teorias uma realidade diferente daquelas desenhadas pelo senso comum.

Para isso, o Ensino de Sociologia deve partir da realidade concreta – “situações como jovem hoje em dia da minha idade tendo filho” – para oportunizar aos alunos a análise de sua vida cotidiana. Dessa forma, o professor de Sociologia oportuniza ao educando que manifeste sua visão da realidade, que a problematize e busque construir outras explicações com rigor analítico-conceitual. Isto é, o professor de Sociologia deve partir do primeiro nível de concretude – o senso comum – para, depois, voltar ao concreto pensado compreendido em meio a múltiplas determinações (PEREIRA, 2007).

A capacidade de refletir criticamente sobre a sua realidade constitui a principal finalidade da Sociologia na formação dos alunos. Este modo de pensar de forma sistemática e crítica que a disciplina propicia, segundo as OCNEM (2006) e os estudos de Silva (2007), Santos (2002), Sarandy (2004), Pereira (2007), é que permitiria ao aluno se perceber como sujeito capaz de desenvolver uma prática transformadora em direção à democracia, ou seja, exercer a sua cidadania.

Conhecimento dos meus direitos, dos meus princípios em sociedade, na maneira de convivência com outras pessoas;

Pensar que todos são iguais;

Saber lidar com os vários tipos de pessoas, seu posicionamento na sociedade, ter ética.

Nas falas dos alunos dois aspectos são destacados: o entendimento da sociedade e a ação sobre ela. O que podemos inferir é que, para estes alunos, existe uma relação direta

<sup>10</sup> Sarandy (2004) também propõe dois tipos de prática pedagógica, o ensino academicista e o ensino militante. O ensino academicista aproxima-se conceitualmente desse segundo tipo de prática pedagógica proposta por Francisco Vargas, o tipo tradicional. O ensino militante, proposto por Sarandy, pode ser considerado um terceiro tipo de prática pedagógica por não se confundir com o tipo proposto por Vargas, o tipo participativo.

entre o Ensino de Sociologia e a construção da cidadania. Logo, identifica-se que certos alunos têm uma noção do que é cidadania e também que a Sociologia é capaz, através dos seus conceitos, de ajudá-los a construir-se como cidadãos.

Por isso, a principal finalidade atribuída ao ensino da Sociologia se situa sob o prisma da construção da cidadania (FERREIRA, 2012). Isto é constatado nos documentos oficiais (LDB, PCNEM e OCNEM). Com isso, baseado nos documentos oficiais e também nos estudos da pesquisadora Fabiana Ferreira, identificam-se três concepções de cidadania: cidadania como exercício de direitos e deveres, caracterizada como visão tradicional; cidadania relacionada à participação política e, por fim, cidadania relacionada à construção de identidades.

Para Ferreira (2012), esses três significados de cidadania parecem ser predominantes nos documentos oficiais relativos ao ensino da Sociologia. Para ela, de um lado, há a cidadania universal, fundada em princípios igualitários, caracterizada pelo usufruto de direitos e cumprimento de deveres. De outro, a visão de cidadania como desenvolvimento de consciência crítica para inserção na sociedade e, mais recentemente, tem-se a cidadania relacionada aos direitos particulares, referentes ao atendimento das demandas culturais e identitárias.

Já Átila Motta (2011), defende que educar para a cidadania implica conhecer mudanças no conceito, ocorridas ao longo do tempo, para que o professor possa contribuir, de maneira reflexiva, com as descobertas de seus alunos e suscitar-lhes práticas de pensamento autônomo e crítico.

Nas entrevistas foram identificadas duas concepções predominantes: cidadania

relacionada aos direitos e deveres, e, cidadania como construção individual e social. Conforme um dos alunos, a Sociologia contribui com o “conhecimento dos meus direitos, dos meus princípios”. Essa é uma visão sobre cidadania. Quando caracterizada pela noção de direitos e princípios, percebe-se que a Sociologia teria uma função informativa, pois permitiria aos alunos ter conhecimento de seus deveres bem como dos direitos que, em tese, são possuidores.

Outra concepção de cidadania identificada entre os estudantes entrevistados refere-se à discussão e compreensão das relações entre os indivíduos, sobre ética, moral e reconhecimento de si mesmo: “saber lidar com os vários tipos de pessoas, seu posicionamento na sociedade, ter ética”. Embora não conhecedores dos documentos oficiais, a finalidade do ensino de Sociologia salientada pelos entrevistados pode ser considerada como uma reprodução desses documentos, pois, de uma forma geral, predominam concepções de cidadania relacionadas à perspectiva tradicional (direitos, deveres e princípios).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas entrevistas realizadas ao longo da pesquisa, foi possível identificar uma certa compreensão sobre o que seja o objeto da Sociologia na escola. Uma parte dos estudantes compreende que a disciplina dialoga com a vida cotidiana dos mesmos, mas, diferentemente, outra parte não identifica essa interação entre a Sociologia e suas experiências sociais. Observou-se também que a contextualização tem muito a ver com a motivação do aluno, por dar sentido àquilo

que ele aprende, fazendo com que ele relacione o que está sendo ensinado com sua experiência vivida no dia a dia (bem como a sua ausência provoca um distanciamento frente à disciplina).

Constatou-se também que, segundo alguns estudantes, ainda falta ao professor tornar a disciplina mais reflexiva para que possa despertar o interesse dos jovens pelos assuntos abordados nas aulas. Segundo eles, o foco do professor está simplesmente na apresentação de conteúdos sem discuti-los tampouco fomentar a autonomia intelectual dos mesmos. Já outros identificaram diálogos entre suas inquietações e as provocações sociológicas.

Essas dualidades não são compreendidas como uma incoerência da Sociologia escolar. Pelo contrário, elas sinalizam desafios frente à consolidação dessa disciplina. Uma disciplina nova e fundamentalmente provocativa pois reinterpreta processos e relações sociais por meio de exercícios de desconstrução das visões aparentes sobre os fenômenos sociais. Num sistema educacional afeito à reprodução de modelos prontos, a Sociologia ainda navegará em meio a muitas incertezas, contradições e desafios. Assumir uma identidade questionadora provavelmente marcará definitivamente os percursos dessa disciplina no sistema escolar brasileiro.

## REFERÊNCIAS:

BODART, Cristiano das Neves. **Que Sociologia queremos no Ensino Médio?** Disponível em: <http://cafecomsociologia.com/2016/12/que-sociologia-queremos-no-ensino-medio.html>. Acesso em: 18 maio 2017.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional** (Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996). Brasília: Ministério da Educação, 1996.

BRASIL. **Lei nº 11.684**, de 02 de junho de 2008. Altera o art. 36 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir a Filosofia e a Sociologia como disciplinas obrigatórias nos currículos do ensino médio. Brasília: Ministério da Educação, 2008.

CAMARGO, Orson. Sociologia o que é: Sociologia no Brasil. **Brasil Escola**. Brasil. v. 1, n.3 (p.35-37). Maio/ago. 2016.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 57 (5), (p. 611-614). Set/out 2004.

COLL, C. **Aprendizagem escolar e construção do conhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**. v. 1 (Uma História dos Costumes) e v. 2 (Formação do Estado e Civilização). Rio de Janeiro. Zahar, 1999.

FERREIRA, F. A sociologia no ensino médio: concepções de professores sobre formação crítica para a cidadania. **Estudos de Sociologia**. Recife, v. 2, n. 18, p. 1-39, maio-ago, 2012.

GALDINO, Marcelo Sales. **O ensino de Sociologia nas escolas: entre o prescrito e o feito**. 2015. Dissertação (Mestrado), Programa de Mestrado Profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio. Fundação Joaquim Nabuco. Recife, 2015.

GUIMARÃES NETO, Euclides. **Educar pela Sociologia**: contribuições para a formação do cidadão. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

LACERDA, Marcos. O sujeito de uma escrita sem sujeito: variações sobre a relação entre literatura e sociedade. **Revista Café com Sociologia**, v. 2, n. 2 (p. 114-127), 2013.

LIMA, Fabiana. C.F. SILVA, Felipe. E. O ensino de sociologia no ensino médio: ideologia e prática. **IV EPEPE (Encontro de Pesquisa em Educação de Pernambuco)**. Outubro de 2012.

MARTINS, José de Souza. **Uma Sociologia da vida cotidiana**: ensaios na perspectiva de Florestan Fernandes, de Wright Mills e de Henri Lefebvre. São Paulo: Contexto, 2014.

MEC. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2010.

MEC. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio**: Área de Ciências Humanas e suas Tecnologias. Brasília. Secretaria de Educação Básica, 2006.

MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Brasília. Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 2000.

MEC. **PCN+, orientações educacionais complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais** (Ciências Humanas e suas Tecnologias). Brasília. Ministério da Educação, 2013.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28ª edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

MOREIRA, Luciano Accioly Lemos. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e a educação brasileira sob a supremacia do mercado. **Educação Temática Digital**. Campinas-SP. v. 9, n. 2 (p. 31-51), 2008.

MOTTA, Átila Rodolfo R. **Que sociologia é essa?** Análise da recontextualização pedagógica do conhecimento sociológico. 2011. Dissertação (mestrado): Programa de Mestrado Profissional em Ciências Sociais para o Ensino Médio. Fundação Joaquim Nabuco. Recife, 2011.

PEREIRA, Luiza Helena. Qualificando o ensino da Sociologia no Rio Grande do Sul. *In: PLANCHEREL, Alice Anabuki (org.) Leituras sobre Sociologia no Ensino Médio*. Maceió: EDUFAL, 2007

RICARDO, E.C. Implementação dos PCN em sala de aula: dificuldades e possibilidades. *Caderno Brasileiro de Ensino de Física*. V. 4, n. 1 (p. 25-33), 2003.

SANTOS, Mário Bispo dos. **A Sociologia no Ensino Médio: O que pensam os professores da rede pública de ensino do Distrito Federal**. 2002. Dissertação. Mestrado em Sociologia – programa de pós-graduação em Educação da Universidade de Brasília. Brasília, 2002.

SARANDY, Flávio Marcos Silva. Reflexões acerca do sentido da sociologia no ensino médio, in CARVALHO, Lejeune Mato Grosso Xavier de (org). **Sociologia e ensino em debate – experiências e discussões de sociologia no ensino médio**. Ijuí: Editora Unijuí, 2004.

SILVA SOBRINHO, Helson Flávio da. Eu odeio/adoro Sociologia: sentidos que principiam uma prática de ensino”. *In: PLANCHEREL, Alice Anabuki (org.) Leituras sobre sociologia no ensino médio*. Maceió: EDUFAL, 2007.

SILVA, Ileizi Luciana Fiorelli. A Sociologia no Ensino Médio: Os desafios institucionais e epistemológicos para a consolidação da disciplina. **Revista Cronos**. v. 7 n. 22 (p. 403-427), abr./ago. 2012.

SOUSA, Maria das Dôres de. **Identidade e docência: o saber-fazer do professor de sociologia das escolas públicas estaduais de Picos – PI**. 2012. Tese (Doutorado em Educação), Programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, 2012.

VARGAS, Francisco E. B. O ensino da Sociologia: Dilemas de uma disciplina em busca de reconhecimento. *In: Educação básica: Um debate teórico sobre o ensino da sociologia*. Porto Alegre: Editora da UFRGS (p. 11-28), 2010.